

«Os olhos que vêem as coisas são»

Maria Antónia Fiadeiro entrevistada por Francisca Gorjão Henriques

Para mim, a Maria Antónia Fiadeiro é a tia Toninha. O meu avô materno, Joaquim Fiadeiro, era irmão do seu pai, Inácio Fiadeiro. Dois irmãos que tinham muito pouco que ver um com o outro, pelo menos nas aparências. O meu avô era um homem ateu mas muito conservador, de direita, professor de Medicina Veterinária, enfim, um homem de família. O tio Inácio, advogado, foi combatente anti-fascista e era amigo de Álvaro Cunhal (que foi padrinho do seu filho António). Divorciou-se da tia Stella e voltou a casar. O meu avô não via o divórcio com bons olhos, nem sequer o dos meus pais. Havia, por isso, muita coisa a dividir estes dois ramos da família.

Conheci mal o tio Inácio. Mas a tia Toninha sempre fez parte da minha infância. Era a prima da minha mãe, bem mais presente do que a sua própria irmã. Era a tia que trouxe um ligeiro sotaque do seu exílio no Brasil e que pintava as unhas de encarnado. Era, sobretudo, a mãe da Leonor, que morreu aos oito anos, a mãe do Zé João, que vimos com espanto tornar-se bailarino e depois coreógrafo (e ficar apenas João), mãe do Pedro, à volta de quem eu e as minhas irmãs nos desfazíamos em atenções, como «bruxinhas» — o termo era da tia e ainda hoje é usado quando nos encontra juntas («Olha as bruxinhas»).

Para começar a olhar para a Toninha como mulher, e não como tia, foi preciso tornar-me mulher também. E fiquei interessada. Há algo de intrigante no modo como conjuga o afecto com alguma rispidez ocasional (que vem, acho, do seu sentido de rigor e de exigência). Isto, claro, além de a sua história pessoal estar profundamente entrelaçada com

a história da segunda metade do século xx português, com as suas lutas e tensões, com as suas conquistas e liberdades.

Há alguns anos, propus-lhe fazer a sua biografia. Foram precisos vários dias até me dizer que sim, que aceitava. Tivemos horas de conversa na sua casa, ao lado da Praça de Espanha (a casa que era da sua mãe e onde a Toninha nasceu — «a casa das lutas, das prisões, da clandestinidade», disse então). Abriu armários, mostrou objectos, folheou encadernações da revista *Modas e Bordados*. Mas ia repetindo muitas vezes: «Porquê uma biografia se eu não sou uma pioneira?» A pergunta tornou-se tão frequente que parámos. Ficaram muitas coisas de fora.

A frio, podemos dizer que a Maria Antónia Fiadeiro (Lisboa, 1942) é a filha de Inácio Fiadeiro e de Maria Estela Bicker Correia Ribeiro (que sempre gostou de ser tratada por Stella). Era afilhada e enteada de Fernando Piteira Santos, intelectual e político, e foi ele a sua grande referência masculina. Tal como o Piteira (é assim que Toninha se refere a ele), Stella fazia oposição activa ao regime e esteve presa várias vezes. Contestar a ditadura era quase um destino inescapável. A Maria Antónia participou na Crise Estudantil de 1962, e entre 1967 e 1972 viveu no exílio: primeiro em Paris, depois em São Paulo, onde se licenciou em Filosofia. Durante todo esse tempo fez apenas dois telefonemas para Portugal: um depois das grandes cheias, outro a dizer que iria regressar. Escreviam-se cartas.

Foi jornalista. É jornalista. Porque «os olhos que vêem as coisas são». São olhos curiosos, atentos a pormenores, que tanto reparam no casaco inteiro como nas costuras. O jornalismo (que iniciou no Brasil) foi sempre um modo de se aproximar das pessoas e de satisfazer a sua curiosidade sobre elas.

É também uma feminista («fui sempre, antes de saber que o era»). Como não ser? Foi chefe de redacção da revista *Modas e Bordados*, do jornal *O Século* (também dirigido por Maria Lamas, sobre quem Maria Antónia Fiadeiro desenvolveu a sua tese de mestrado). Escreveu o livro *Aborto: O Crime Está na Lei* (ed. Relógio D'Água Editores, 1982), defendendo a despenalização. Fez parte da direcção do Sindicato dos Jornalistas, com Maria Antónia de Sousa e Maria Antónia Palla (entre 1977 e 1979). Colaborou com o *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, o *Diário de Notícias*, a revista *Máxima*, entre outros. Criou o projecto bibliográfico *Mulheres do Século XX: 101 Livros*.

Por conta deste livro, numa manhã dos primeiros dias de 2020 voltamos a sentar-nos na sua sala de estar. Estava sol e não se ouviam as crianças a brincar no recreio da creche ao lado de casa, como às vezes acontecia. Também não se deu por aviões a passar. Voltei a ligar o gravador sabendo que a entrevista teria de ser mais organizada do que das outras vezes, quando a conversa podia correr livremente. Novamente, ficaram muitas coisas de fora. Quase tudo.



Sempre escreveu muito sobre mulheres. As mulheres são mais interessantes do que os homens?

Não. Acho que têm mais queixas, mais história não feita, frustrada, não terminada. Mas não as acho mais interessantes do que os homens, não.

História não terminada em que sentido?

Em todos. Projecto de vida, sonhos, quotidiano. São pessoas que não fizeram o percurso que queriam.

Não há mulheres realizadas?

Há muitas. Eu sou uma delas. «Realizada» não era o termo que eu usaria...

Qual era o termo que usaria?

Não sei.

Usei este por...

Por preguiça!

Se calhar por preguiça, mas por ter dito que o percurso está sempre por terminar, ou seja, por realizar.

Sim. As mulheres têm sempre coisas que se põem à frente. O futuro delas, o percurso delas, nunca pode ser o fundamental, ao passo que para os homens é mais fácil, porque têm um quotidiano administrado por elas, normalmente. Têm ou tiveram, ou vão tendo — enfim, toda a flexão desse verbo.

Ainda é feminista?

Porquê o «ainda»? Basta o «é». Fui sempre feminista mesmo quando não sabia que era. A pessoa não larga os seus sonhos, os seus ideais, assim a qualquer hora. Ainda há muito a fazer pelas mulheres, e são elas que têm de o fazer. Sobretudo no quotidiano. Acho que as mulheres, nestas lutas, ganharam muita coisa e perderam muita coisa também. E uma das coisas que perderam é o tempo. O tempo livre que tinham — ou que pensavam que tinham, não importa, viviam-no como tal — perderam-no e têm de o recuperar porque faz-lhes falta. Faz parte da vida delas, dos seus sonhos, do seu futuro. E do seu quotidiano.

Os homens têm muito mais tempo livre do que as mulheres?

Basta ver como eles saem para a rua: de mãos nos bolsos. Não têm uma carteira, não é? Não transportam quotidiano nenhum nas mãos nem no dia-a-dia. Não têm consciência disso e se calhar não o aproveitam como a gente pensa ou aproveitaria. Mas vejo assim. São muito mais livres do que nós, que trazemos sempre a carga doméstica para a rua. E as preocupações, os deveres.

Como é que vamos conseguir recuperar esse tempo?

Com tempo. Com muito tempo. Mas já estamos a recuperar. A menina não acha?

Acho que não à velocidade necessária.

Ah sim! Isso não. Não vamos *rattraper le temps perdu*, não é na nossa geração. Na minha não de certeza, na sua talvez. Mas são dados passos, porque de facto é muito difícil. O quotidiano está muito entregue a nós, esteve sempre. E as coisas tornam-se mais difíceis, mais demoradas.

Gostaria de ser referida como uma mulher que...

Que trabalhou toda a vida! Que se interessou toda a vida pelas mulheres, sim. Mas não sempre da mesma maneira. Foi variando conforme os temas mais crus. Por exemplo, no tempo do aborto: era o último recurso, mas no fundo era o primeiro.

No sentido de a mulher poder decidir sobre a sua vida?

Pois. Não ter a liberdade de ser mãe, para uma mulher que é exaltada e sente a maternidade como uma prioridade, é uma violência muito grande.

Por trás dessa luta pela despenalização do aborto estava sobretudo uma luta por liberdade.

Com certeza, inevitavelmente. Por trás, ao lado e à frente!

Esse interesse pela liberdade terá sido sempre o seu fio condutor, apesar de dizer que se interessou sempre de maneiras diferentes pelas mulheres?

Nunca pensei nisso assim. Talvez. O fio condutor é o dar à luz e o que isso significava na vida de uma mulher e nos sonhos de uma mulher. Em tudo. [A despenalização do aborto] foi uma grande luta. Foi uma luta dominante do século XX, que foi o século das mulheres.

Há uma aparente contradição — e vinco a palavra aparente — no facto de lutar por um lugar da mulher fora de casa, mas ao mesmo tempo focar-se tanto nos chamados detalhes domésticos. Como é que se conjuga esse universo doméstico (que é também o lugar da tradição e de alguma coisa que parece querer ser preservada) com a defesa da autonomia?

Cada uma saberá de si, conforme os ideais que tem, a vida que leva, aquilo que quer. Não há uma regra para todas. Conheci mulheres muito dedicadas aos ideais antigos sem serem antiquadas, e que resolveram à sua maneira, com a sua informação, a sua inteligência, essa contradição. Se se trata de uma contradição.

Como é que a tia a resolveu?

Acumulando. Fiz sempre tudo. Nunca abandonei a casa, no sentido de preocupação e de gosto, como nunca abandonei o trabalho fora de casa, como ideal de independência e de sobrevivência. Sempre achei que a liberdade da mulher estava ligada à sua independência financeira — não fui só eu, marcou uma geração. Se ela não podia ganhar a vida, não podia ser livre, ou querer a liberdade, porque ser ou não ser [livre] depende de muitos factores. Mas esse ideal de liberdade para mim está

profundamente ligado ao ideal da independência económica. Ganhar a vida. E é o que separa muito a mulher do homem.

No sentido em que o homem não precisa de almejar a essa liberdade?

Talvez isso. Na mulher está incrustado desde que nasce. E é colado a adesivos vários de identidade. O homem não. O homem nasce com as mãos nos bolsos, não é? Pode levar a vida, doméstica inclusive, em cada bolso.

Agora há um certo pudor em falar de universo feminino, na medida em que se pretende que os clichés relativos ao género sejam esbatidos. Ele ainda existe?

Ah, com certeza! É preciso ouvi-las para saber exactamente isso. O tema da mulher é um tema que para mim ainda é actual.

Foi sobretudo jornalista...

Acho que sim. Ou sou.

Ainda é.

Os olhos que vêem as coisas são.

É uma atenção às coisas?

É uma atenção, uma curiosidade e um respeito. Bastam estas três. Com isto vai-se lá, vai-se a todo o lado. Não é carreira, porque na minha época não se punham as coisas nesses termos.

Nunca sentiu que estava a construir uma carreira?

Não, não. Nunca senti isso, nem nunca quis.

Porque a carreira é uma coisa que se premedita, que se programa?

Sim, que tem planos e tem restrições. Não nos pertence, no fundo. Pertence aos outros avaliarem se há uma carreira aqui. Se calhar há.

Fez a sua tese de mestrado sobre a Maria Lamas. O que lhe interessava explorar?

Eu conheci muito bem a Maria Lamas, desde pequenina. Era visita lá de casa, dos meus pais.

Mais amiga da sua mãe ou do Piteira?

Talvez do Piteira, politicamente, e da minha mãe humanamente. Sempre tive muita curiosidade por aquela senhora, que era diferente das outras. Não das que iam lá a casa, que iam senhoras... Estou a falar da casa da Amadora, onde vivi com a minha mãe e com o meu padrasto. O meu padrasto foi meu pai toda a vida, desde os cinco anos. Aliás, a notícia que me é dada pela minha mãe é [espeta o indicador]: «Os seus cinco anos, este ano, são na Amadora.» Foi assim que ela me informou da mudança de situação.

Qual é a mulher-referência para si?

É a Maria Lamas.

Mas a nível pessoal, de quotidiano?

Não é a minha mãe.

Tinha uma relação difícil com a Stella.

Ou ela comigo, não sei. Ou as duas. Foi um divórcio muito traumático para eles [Stella e Inácio] e para os filhos, incluindo para mim, apesar de ter tido em casa depois o Piteira, que foi um pai para mim. Nem sei se posso dizer isso, porque não sei como é um pai, mas foi um educador, um amigo e um... pronto, chega, não é preciso muito mais. Ela foi obviamente uma mulher emancipada, mas não adoptava muito isso.

Não se autonomizava muito do marido?

Não. Gostava da vida doméstica, da casa, da caseira. Tinha uma vida social muito intensa, de amigos comuns com o marido, todos muito interessantes. Conheci alguns, que me faziam muitas festinhas: Carlos de Oliveira, [José] Cardoso Pires... Tudo homens que pensavam a vida e pensavam nas mulheres como seres autónomos. Autónomos não é bem a palavra certa...

Como foi ter os pais divorciados numa altura em que isso era bastante invulgar?

Era muito invulgar. Era apontado. Sentia-me diferente, a nível de amizades e da família. Eu era uma filha que tinha os pais divorciados e isso

foi muito penalizador. Era uma carga que a gente trazia às costas. O meu irmão também, sofreu muito com o divórcio dos pais.

Lembro-me de, numa conversa, a tia ter referido o facto de o seu irmão se chamar António e a tia se chamar Antónia, e de isso não lhe agradar. É incómodo. Para ele e para mim. Eu nasci quatro anos depois, não escolheram nome para mim. O António é António porque houve um elemento do Partido Comunista [Pavel, então membro do Comité Central do PCP] que esteve preso e os meus pais fizeram o trabalho político de conseguir que ele saísse da prisão [além de auxiliar na fuga do Aljube, albergaram-no durante alguns meses]. E eu sou Antónia por causa do meu irmão.

Mas não foi muito fácil a convivência com todos nós, sobretudo para ele. Estava em litígio constante com o Piteira e com a casa da minha mãe. Não era a casa dele, nem ele queria. Fez uma vida diferente da minha, foi mais revoltado.

Qual era o papel do seu pai?

Ausente, ausente. Nos últimos anos, não sei porquê, ele procurou-me e almoçávamos muitas vezes no Nicola, numa mesa um bocadinho afastada. Foram uns almoços muito interessantes e eu conheci nessa altura o meu pai. Gostei muito de o conhecer [risos]. Era uma pessoa muito amável. Conversávamos muito, sempre escondidos naquele canto do Nicola.

Porquê uma mesa escondida?

Não era público, aquilo. Acho eu. Tinha receio que fossem dizer à mulher? Não sei, nunca perguntei nem nunca falámos disso. Falámos de muita coisa.

Política?

Não muito. Da vida.

Tem meios-irmãos do lado do pai, com quem não cresceu.

Encontravam-se?

Uma vez por ano, nos aniversários. A Carmina [madrasta] escrevia-me. Há umas cartinhas. Viviam numa casa muito bonita em Paço d'Arcos, com vista sobre a baía. Fui lá algumas vezes.

Nunca sentiu necessidade de ter gestos rebeldes?

Não. Eu gostava muito do Piteira, sempre foi um grande amigo. Tomava partido, puxava-me muito para os estudos, apreciava muito o meu percurso.

A Stella era uma espécie de assistente do Piteira também, não era?

Era, uma secretária. Mas era uma companheira também. Não era só o trabalho necessário. Gostava muito da vida política que o Piteira levava. Era ela que batia à máquina todas as crónicas que ele fazia diariamente, para o *Diário de Lisboa* e antes para o *República*. A vida dela esteve sempre muito ligada ao Piteira.

Como foi a decisão de se exilar?

Foi uma decisão de casal [com Alfredo Nascimento, primeiro marido, também opositor ao regime]. Precisávamos de ganhar a vida, queríamos continuar a estudar, e aqui não víamos meios. Primeiro Paris. O João e a Leonor nasceram em Paris. Vivíamos num quarto da empregada, no último andar. Subíamos escadas que nunca mais acabavam. Tomei conta de crianças, fiz trabalhos domésticos. Paris foi uma sedução de liberdade e de responsabilidade muito grande. Descer e subir o Quartier Latin era uma liberdade imensa. Não havia polícia, a gente podia fazer realmente o que queria.

Depois foram para o Brasil. O Brasil era na altura também uma ditadura, mas lembro-me de, numa das nossas conversas, a tia dizer que representou também uma enorme liberdade.

Ah, sim. Liberdade de linguagem, de relacionamento, afectiva. Política não, porque também fui presa no Brasil.

Como foi essa experiência da prisão?

Má, má. Não vamos falar disso. Mas foi episódico, não fez parte do núcleo duro da minha vida. Fui presa como sempre fui: por amizade a amigos. Fiz uns favores, fiquei-lhes com umas pastas e foi por isso. Eles foram presos e falaram, foi assim. Foram uns quinze dias, em solidão total, sem visitas, nada. Foi uma prisão à sério, mas não apanhei.

E os filhos?

Foi um grande amigo meu, jornalista [Maurício Kubrusly], que ficou com eles. Foi buscá-los e levou-os para casa dele.

Apesar dessa circunstância, o Brasil ficou marcado pela liberdade.

Apesar da ditadura. Porque os brasileiros são pessoas livres. Não tem a ver com as instituições. São livres no fazer a vida, nas opiniões que têm sobre os amigos, sobre a situação política. Têm uma noção de liberdade que nós nem depois do 25 de Abril tivemos. É parte intrínseca da vida deles.

Porque quis voltar a Portugal, sabendo que poderia ser presa (como, aliás, foi logo à chegada ao aeroporto)?

Por causa dos filhos. O João ia entrar na primária.

Contou-me a história de que no avião o João estava muito preocupado com as malas, que tinham desaparecido para o porão e ele achou que tinham ficado para trás.

Sim, a gente trazia umas malas pesadas. Estava na lista da PIDE, quando cheguei ao aeroporto houve um senhor que me pediu o passaporte, eu dei, e fui presa. A explicação que dei ao João foi: «Tinhas razão, a mãe tem de voltar ao Brasil para ir buscar as malas.» Ele acreditou — eu também. Saí da vida dele por uns tempos, um mês, mais coisa menos coisa.

Essa experiência da prisão modificou-a?

Uma tristeza enorme. A pessoa vem do Brasil para ir parar a Caxias e abrirem a porta para entregarem a bandeja da comida. Mas não fui torturada. Queriam castigar-me. Do que me apercebi, não sabiam nada da minha vida no Brasil.

A pessoa está fechada à chave e não tem a chave. Eu posso estar fechada, mas por dentro. Ali, havia alguém que me fechava a porta. E depois há a rotina da prisão. Como lhe disse, não fui maltratada, houve interrogatórios. O [José Barreto] Sacchetti fez-me interrogatórios. Depois eu ia outra vez para a minha cela.

Há a fotografia que a PIDE lhe tirou, com um sorriso de que se arrepende, na primeira prisão.

Houve duas prisões, sim. Uma nos anos sessenta, durante o Movimento Estudantil.

Era um sorriso para o fotógrafo da PIDE. Eu estava contente por estar presa. Fazia parte do meu percurso, aquela situação foi imaginada. Eu sabia que, com certeza, um dia ia parar ali. E um dia parei ali. Mas isso não tem nada de mais nem de menos.

É muito diferente quando o contexto familiar inclui uma experiência dessas, ou pelo contrário, isso pode ser visto como uma rebeldia e criar uma cisão com a família.

Mas a minha família já era outra, não era a família de origem. Deixa de ter a importância que teve.

Na minha biografia, o 25 de Abril trouxe uma transformação familiar brutal. No seu contexto familiar como foi?

Foi o regresso da minha mãe e do Piteira do exílio. Estiveram muitos anos exilados na Argélia [doze]. Eu cheguei a passar por lá e a ficar com eles, no período pós-Ben Bella [socialista argelino, Presidente entre 1963 e 1965]. Já tinha dois filhos.

E o João e o Pedro? Sempre entenderam as suas lutas?

Acho que sim, mas não é um tema debatido entre nós. Mas acho que têm orgulho na mãe deles — apreço, mais do que orgulho. Fui mãe e pai para o João. E para a Leonor também.

Podemos falar da Leonor? É sempre uma grande interrogação, como é que alguém se refaz da morte de um filho.

Não se refaz. Não se refaz. Isso de refazer-se não existe. É um luto para toda a vida. É uma dor para toda a vida. Não se ultrapassa, não se defende. Aceita-se.

Leva muito tempo a aceitar?

Ainda leva. No sentido em que ela está presente. Dávamo-nos muito bem. Ela, eu e ele [João]. Eram os filhos. Um rapaz e uma rapariga, calhou assim.

Como foi esse processo?

Foi um acidente. Todas as vidas têm acidentes. Isso foi o máximo a que eu cheguei: todas as vidas têm tragédias e acidentes.

Não sendo católica...

Não sei se não sou. Tenho fé.

Sempre teve? Acho que estou a ouvir isso pela primeira vez.

Para mim também é novo! Fui encontrando [a fé]. Não há uma época nem uma data. A pessoa não pode ter fé na vida se não tiver fé. Não sei se é Deus ou não, isso é lá com Ele, não é comigo. Mas é esperança, é aceitação do mundo, das dores do mundo, das dores da vida. É um raciocínio [risos].

5 de Janeiro de 2020